

Taubaté, 1907

Rangel:

Recebi a filosofia, os quesitos e a carta de dona Barbara. Vamos por partes. A filosofia não é novidade. Já Spencer definiu a lei da evolução como uma *complexidade*, uma crescente heterogenização de estruturas e funcionamentos, tudo alheio às ideias de Bem e Mal, que são relativas, a despeito de todos os esforços escolásticos para que sejam absolutas. Há fenômenos, causas e efeitos, radículas condicionais e condicionadas; mas finalidade, designio, é coisa que cai no “Incognoscível” de Spencer. Os teólogos “grilaram” essa terra devoluta, plantaram lá a tabuleta do Designio e surgiu o tremendo negócio de terrenos a prestação chamado Igreja. Vender terrenos incognoscíveis, indemarcáveis, que maravilha de negócio! Leia os *Primeiros Principios* de Spencer e lá verá tudo claro e no limpo_ tudo matematicamente esclarecido. Todos os pontos, todas as “bocas-de-sertão” a que a Ciência pode chegar estão lá; para adiante Spencer finca o letreiro famoso: INCOGNOSCIVEL (criando, aliás, a objeção: Como *sabe* que é incognoscível? Como fecha a questão dessa maneira?)

E o fato de chegar você por mera intuição pessoal às mesmas conclusões de Spencer, prova a força do teu senso filosófico. Nietzsche chama a isso (ter essa filosofia) colocar-se *além do bem e do mal*, isto é, num ponto de vista objetivo, sem perspectivas que adulterem as coisas e donde se possa perceber a emaranhadíssima rede das causas e efeitos das forças *indiferentes*. Um tiro no alvo, por exemplo; se acertou foi sorte, diz o povo comum; foi por obra e graça da entidade criadora do Designio_ Deus, Divina Providência, etc., diz o teólogo. Mas o sábio á Spencer diz que o fenômeno foi rigorosamente determinado pelas condições do atirador, da arma e do meio ambiente; um fenômeno, portanto, é determinado por condições. Dadas aquelas condições, o fenômeno fatalmente ocorrerá. Aconselho-te Spencer nos *First Principles*. É uma Suma.

Quanto a Nietzsche, meu conselho é que passes por ele a galope no cavalo da tua inteligência; no rabo desse cavalo amarrarás o imã do teu temperamento, de modo que na galopada o imã só atraia, só aproveite, só chame, aquilo que te convier e que, portanto, te virá aumentar. Se o forças a atrair o que te *parece* bom, bonito, útil, embora não seja essa a opinião do teu temperamento, ficas abarrotado, mas não aumentado. Faça isso e não me voltarás a dizer que achas Nietzsche “soporífero”. Incrível! Talvez seja o único adjetivo que nunca jamais caberá a Nietzsche. É o contrário_ é um matador do sono, da estagnação, da lagoa verde. É um desencrostador.

E por falar, contarei uma. Eu estava um dia no Gazeau, em S. Paulo, espiando livros velhos, e havia parado para folhear um volume de Nietzsche. E estava

lendo lá um aforismo qualquer, quando atrás de mim, sobre meu ombro, uma voz desconhecida soou, dizendo: “Esse autor é dissolvente!”. A resposta me veio instantanea, como se o proprio Nietzsche a desse por meu intermedio: “Tal qual o sabão!” E voltei o rosto para ver quem era. Um padre!...

Lembrei-me daquele aforismo em que Nietzsche dá a opinião dos teologos como o reverso pratico da verdade. Se o teologo diz que é branco, então é porque é preto. Sim, Nietzsche é um sabão, o melhor desengafeirador que encontrei na vida. “Eu sou uma toupeira que anda debaixo da terra roendo as raizes das velhas verdades”. Ele podia tambem dizer que era o Grande Sabão dissolvente das velhas verdades.

As minhas marcas nos Nietzsche que mando representam o grafico da primeira impressão. Ha um grande B inacabado que marcou um vago pensamento que me veio ao ler aquele pedacinho, um pensamento associado a Bilac... É uma psicografia estenografica que só eu entendo.

LOBATO